

Tempos difíceis estes para ser professor...

Fátima Guimarães

Às histórias muitas vezes contadas já ninguém liga! E a crise na educação, por ser algo que, pelo menos no nosso século, vem sendo continuamente apregoado, parece ser uma fatalidade, uma desgraça perpétua com que todos nos habituámos a conviver.

Porém, a situação que a educação hoje atravessa é digna de reparo, não só pelas deficiências educativas, das quais há sempre algo a dizer, mas, a meu ver, pela dificuldade em definir para onde se quer ir e o que se deve fazer. Neste contexto, cai-se na tentação de atribuir ao professor a responsabilidade pela qualidade do ensino, pelas insuficiências culturais (e não só) dos jovens, enfim, por todos os males de que a escola padece.

Este discurso, que vulgarmente se nos apresenta, fácil, limitado e redutor, não ajuda a clarificar as dificuldades dado que não tem em conta muitos dos aspectos importantes para compreender as razões para o estado do ensino e para o insucesso dos alunos. De facto, se não podemos discordar que para conseguir uma melhoria significativa no ensino da Matemática, implantar alguma reforma, ou introduzir qualquer inovação é imprescindível ter professores qualificados e profissionalmente empenhados, há, no entanto, problemáticas que envolvem a função docente, que se situam fora do controlo do professor, relacionadas, por exemplo, com a realidade do mundo actual, as grandes mudanças na sociedade e as condições materiais do ensino e que são quase sempre ignoradas. Assim, a necessidade dos dois predicados essenciais ao profissional do ensino, empenhamento e qualificação, remete-nos para questões, que se cobrem ao nível do

professor, do foro do conhecimento profissional, mas igualmente para aspectos acima referidos que ultrapassam os dos seus saberes. É destes aspectos que em primeiro lugar irei falar.

Ser professor, um conceito de definição difícil

Ser professor é um conceito cada vez mais difícil de definir face a uma sociedade de complexidade crescente e a uma escola em constante mutação. Estas duas características do mundo de hoje, levam a que os significados de educar, ensinar e de profissão de docente sejam múltiplos e, por vezes, antagónicos, nos diversos grupos sociais, económicos e culturais, tornando-se cada vez mais difícil definir o que caracteriza a profissão, qual é o papel da escola e do professor e o que lhes deve competir.

Os dilemas com que o professor se debate são imensos. Fernando Savater no seu livro *O Valor de Educar* explicita inúmeros aspectos conflituosos que dão ideia de como é difícil a prática do professor. Por exemplo, na escola pluralista da sociedade moderna, caberá ao professor manter-se neutro face às várias opções ideológicas ou dar a entender o preferível? Existindo cada vez mais alunos originários de diferentes culturas com modelos de educação opostos e valores divergentes, a educação deve ser obrigatoriamente igual ou será de diferenciar-se de acordo com aqueles a quem se dirige? Numa sociedade que se sabe competitiva e materialista, deve o professor privilegiar a eficácia prática ou a formação de homens completos? Sabendo nós que em todos os currículos se faz apelo ao desenvolvimento da autonomia e capacidade

“A crise da educação já não é o que era. Não provém da deficiente forma como a educação cumpre os objectivos sociais que tem atribuídos mas, mais grave ainda, não sabemos que finalidades deve cumprir e para onde efectivamente deve orientar as suas acções”
Juan Carlos Tedesco

crítica não será isto contraditório com a necessidade de fomentar a integração e a coesão social? Como compatibilizar o papel que deve ter a escola no desenvolvimento da criatividade e originalidade dos alunos, com o papel que também lhe compete de manter as identidades e as tradições dos grupos a que esses alunos pertencem? Estes são exemplos de questões que se colocam ao professor e que, de uma forma consciente ou subliminarmente, tornam sempre problemático o seu desempenho.

Outro motivo de perturbação à prática docente advém, a meu ver, da confusão que grassa entre autoritarismo e autoridade. Autoridade, etimologicamente, significa ajudar a crescer, e autoritarismo o abuso da autoridade. A indistinção destes conceitos conduziu, na família, à rejeição da autoridade, quer voluntariamente, por reacção à educação de tempos passados, quer involuntariamente porque, de facto, numa sociedade em que só ser jovem é valorizado, os pais põem-se ao nível do amigo, do irmão mais velho e não assumem o papel de progenitores responsáveis por educar os filhos para virem a ser adultos. É, mais uma vez, ao professor que é atribuída essa função que, com dificuldade e a custo de outras aprendizagens, desempenha.

A autoridade dos mais velhos propõe-se aos mais novos, sem dúvida, como uma colaboração necessária para eles, mas em certas ocasiões também terá que impor-se. E é disparatado aplicar, custe o que custar, desde o infantário o princípio democrático de que tudo deve decidir-se entre iguais, porque as crianças não são iguais aos seus mestres no que compete aos conteúdos educativos. Precisamente, para que cheguem mais tarde, a ser iguais em conhecimentos e autonomia é que são educadas... (Savater, 1997, p. 79).

Estes são alguns aspectos que mostram a indefinição que envolve a profissão de professor e que dificultam a prática de docente, mas há

ainda muitos outros que trazem à profissão uma complexidade não reconhecida mas indubitável.

Ser professor uma profissão de prática dificultada

Um dos aspectos que é pouco valorizado quando se fala da crise da escola e do insucesso na aprendizagem está relacionado com a transformação das próprias crianças. Admite-se sem reservas que os meninos que hoje nos chegam à escola não tem a ver com os meninos que nós fomos. Mas o quanto são diferentes e as consequências dessa diferença pouco se têm em conta.

O professor antes podia jogar com a curiosidade dos alunos, desejosos de conseguir penetrar em mistérios que ainda lhes estavam velados e dispostos para isso a pagar a portagem de saberes instrumentais de aquisição amiúde fatigante. Mas hoje as crianças chegam já saciadas com mil notícias e com as mais diversas visões que não lhes custaram nada adquirir... que receberam mesmo sem querer! (Savater, 1997, p. 57).

Por outro lado, está muito difundida a ideia de que se pode aprender sem esforço. De facto, nas pedagogias ditas modernas, cujos métodos ainda hoje influenciam as ideias educativas, não há lugar para quaisquer imposições ou contrariedades ao aluno, sendo mal visto outro estímulo para o ensino que não o prazer do aluno. No entanto, é necessário assumir que todo o ensino é sempre, em certa medida, uma coacção. Pode valorizar-se o que a criança já sabe, construir-se currículos mais apelativos, mas acredito, tal como refere Savater, que "a criança não sabe que ignora, não sente a falta de conhecimentos que não tem" e ao educador compete, valorizando sempre a ignorância da criança, impor "a humanidade tal como a conhecemos e sofremos" precisamente porque o professor "acredita que o que ensina merece o esforço que custa a aprendê-lo" (Savater, 1997, pp. 69-71).

E as exigências para com o professor

vão crescendo e com elas as suas responsabilidades. Com a civilização moderna houve um indiscutível eclipse da família, com reflexos nefastos para a escola e para o professor, por vezes, inultrapassáveis. A criança chega muitas vezes à escola sem hábitos de estar, ouvir, partilhar, conviver e aceitar algumas regras que, só a família, com um ambiente natural, não coercivo e afectivo, conseguia desenvolver adequadamente. Hoje, a sociedade delega na escola estes aspectos de socialização primária que anteriormente competiam à família e o professor depara-se com crianças que não possuem a socialização indispensável para que outras aprendizagens se efectuem, confronta-se com uma sobrecarga na sua actividade e onde dificilmente terá êxito.

A tarefa da escola resulta assim duplamente complicada. Por um lado, tem que se encarregar de muitos outros elementos de formação básica da consciência social e moral das crianças que antes eram da responsabilidade da socialização primária realizada no seio da família. Antes de tudo tem que suscitar o princípio da realidade necessário para que aceitem submeter-se ao esforço de aprendizagem, uma disciplina que é prévia ao próprio ensino mas que eles devem administrar juntamente com os conteúdos secundários do ensino que tradicionalmente lhes são próprios. (Savater, 1997, p. 56).

Há ainda outros aspectos de ordem prática, mas nem por isso menos importantes, que têm conduzido a uma vivência da profissão docente difícil e pouco motivadora. Por exemplo, os professores deparam-se, todos sabemos, com condições de trabalho verdadeiramente limitadoras: escolas a funcionar em turnos, em edifícios velhos e de dimensão reduzida, com pouco material e recursos inadequados, que são verdadeiros obstáculos a um ensino de qualidade e que condicionam a realização de projectos, por pouco ambiciosos que sejam. Também, a organização das escolas não incentiva o investimento na profissão, nem

favorece a partilha do conhecimento e a consolidação de saberes. Os horários de trabalho, as dificuldades burocráticas e as tarefas rotineiras extra-lectivas funcionam como verdadeiros constrangimentos à reflexão, a troca de ideias e ao envolvimento em projectos.

Desta forma, pode dizer-se que a organização das escolas não incentiva o investimento na profissão e esta situação é tanto mais problemática quando se verifica que a profissão de professor tem vindo a ser cada vez mais desvalorizada socialmente.

Ser professor, um conceito desvalorizado socialmente

Hoyles (1987) entende que o baixo prestígio social da profissão é devido a vários factores. Um deles está relacionado com a origem social do grupo que como se sabe é muito heterogénea. Outro factor é o tamanho do grupo. De facto, é o número elevado de docentes que dificulta a concretização de políticas valorizadas socialmente, nomeadamente as relacionadas com aspectos salariais. É também um grupo constituído por mulheres que, embora nem sempre se admita, é ainda um grupo socialmente discriminado. Por outro lado, ou consequência do que se disse, os indivíduos que procuram a profissão muitas vezes não o fazem voluntariamente. O seu *status* tem vindo a baixar, pois em grande percentagem, não usufruem de uma posição social elevada o que tem vindo a conduzir a uma crescente proletarização do grupo. Outro factor apresentado pela autora, prende-se com a qualificação académica de acesso, que é média para uma parte ainda significativa dos professores.

Todos estes factores ligados ao estatuto social e económico do professor são a meu ver válidos para Portugal. Aqui a representação social da profissão docente é de uma profissão sem especialização, beneficiando de grandes períodos de férias, de reduzido horário de trabalho e caracterizada, fundamentalmente, por tarefas mais ou menos rotineiras de

transmissão de conhecimentos (Cavaco, 1993).

Os aspectos referidos podem explicar a desvalorização da profissão e influenciam negativamente o ensino da Matemática. Porém, não podemos esquecer, que o desprestígio do docente, também, tem a ver com a qualificação dos professores, com a forma como estão preparados para desempenhar a sua profissão. De facto, décadas atrás, o "ingresso no ensino de uma massa de indivíduos sem as necessárias habilitações académicas e pedagógicas" contribuíram muito para a "visão degradada e desqualificada dos professores, (Nóvoa, 1992, p. 21); contribuiu para generalizar a crença que para ensinar todos estamos aptos. Talvez por isso ainda é negativa a imagem que se tem do profissionalismo do professor, que não é ainda visto como alguém que sustenta e usa um conhecimento com conteúdo específico, imprescindível para lidar com as situações de trabalho e guiar a prática.

Ser professor uma profissão com um saber desvirtuado

Em Portugal, os anos 80 foram marcados pela profissionalização em serviço, mas nas últimas décadas criaram-se instituições vocacionadas para a formação de professores. Pode discutir-se a maior ou menor adequação de determinados modelos de formação: se a formação apetrecha adequadamente o professor para o exercício da função, se nela se veicula, ou não, o modelo transmissivo, se através dela se valoriza a teoria, ou a prática, do professor, ou se este é considerado o objecto, ou sujeito, da formação. Mas, é um facto que, hoje, a grande maioria dos professores do ensino básico recebem uma formação, dirigida para a profissão que vão exercer. No entanto, é ainda lugar comum admitir-se que qualquer pessoa pode ensinar. De facto, isso no abstracto é verdade. É indiscutível que qualquer um de nós ensinou algo em várias alturas da sua vida. Mas, daí a considerar-se que qualquer pessoa tem competências para ensinar uma matéria específica ou é um profissional de ensino, vai um

passo de gigante. E o que é ainda mais problemático é que esta ideia é, também, frequente nos profissionais de ensino.

Arendt (1972), considera o facto do professor estar desligado de uma das fontes da sua autoridade, o seu saber, uma das razões do precipitar da crise na educação. Para esta autora é o saber do professor — a qualificação de quem conhece o mundo e é capaz de instruir os outros sobre esse mundo, do qual é, perante eles, o representante — que confere ao professor parte da autoridade necessária ao acto de educar. É este poder, só reconhecido quando ele próprio o assumir, que capacitará o docente a desempenhar o seu papel com segurança, autenticidade e completude.

Os próprios professores tem sobre si uma imagem negativa. Nóvoa (1992) sublinha que a profissão de docente, mais do que desprestigiada aos olhos dos outros, tem-se vindo a tornar também "numa profissão difícil de viver do interior". Alterar esta visão, que continua a subsistir na sociedade, é essencial para a dignificação da carreira do professor.

Outra forma de contribuir para melhorar a imagem do professor passará pois, a meu ver, por dar-se a conhecer a especificidade da profissão docente, os saberes que só o professor mobiliza, enfim, divulgar o que os professores fazem dentro dos constrangimentos e pressões sociais e escolar. É isso que procurei fazer de seguida.

Conhecimento profissional do professor

O conhecimento do professor é algo que vai crescendo com a experiência. Sendo rudimentar no início da profissão, é nessa altura, fundamentalmente um conhecimento teórico da disciplina e de áreas tais como o desenvolvimento da criança, a aprendizagem e as teorias sociais.

É um conhecimento não monolítico, onde, na minha perspectiva, se podem identificar, seis áreas interligadas que só o professor domina quando, com sucesso, desempenha a

sua profissão. São elas conhecimento didáctico do conteúdo; conhecimento dos alunos; conhecimento da organização e gestão da aula; conhecimento do currículo; conhecimento do contexto; conhecimento de si próprio.

O conhecimento didáctico do conteúdo está, desde logo, presente na planificação que o professor faz, quando especifica os objectivos de uma determinada aula ou unidade, as situações a propor para atingir esses objectivos e como vai explorar essas situações.

Para explicitar os objectivos para cada aula é necessário que o professor saiba o que pretende com ela, mas também que tenha conhecimento dos objectivos do ano anterior, de modo a garantir que os alunos possuem os pré-requisitos necessários à compreensão dos assuntos. Por outro lado, cada ideia pode ser representada de infinitas maneiras e o professor precisa de saber como pegar nos conteúdos, mais ou menos complexos e de traduzi-los para que possam ser compreendidos pelos alunos. Necessita, pois, de saber seleccionar tarefas que permitam que os alunos sigam o seu próprio percurso na construção dos conceitos e que, igualmente, incentivem a comunicação entre professor/aluno, aluno/aluno e aluno/turma.

Desta forma, o professor vai para a aula e, analisando as acções que se desenvolvem, pode avaliar se as tarefas que propôs, a comunicação que estabeleceu ou os objectivos que definiu foram ou não adequados. Com a prática e com a reflexão sobre ela, vai adquirindo e aumentando esta vertente do conhecimento.

O professor está consciente que cada aula tem características únicas e distintas e que é composta por ele próprio e pelos alunos que interagem entre si. Saber como representar os conteúdos de modo a que os alunos os compreendam, como agir na aula, pressupõe conhecimento dos elementos que a compõe. Estes dois aspectos do conhecimento do professor estão assim relacionados.

O conhecimento dos alunos é, então, outra componente do saber do professor essencial para o seu desempenho. Esse conhecimento prende-se com dois aspectos: com a criação de condições propícias à aprendizagem, por exemplo, saber motivar os alunos, ter uma postura atenta e democrática, afectuosa e rigorosa, criar um clima propício a relações positivas; por outro lado, relaciona-se com o conhecimento das cognições dos alunos, isto é, como pensam e aprendem o conteúdo da disciplina e as dificuldades e sucessos que poderão ocorrer. É este conhecimento das potencialidades e necessidades dos alunos, dos seus interesses e dos seus modo de aprender que o torna capaz de seleccionar tarefas adequadas, construir materiais interessantes, incentivar a interacção e a comunicação, detectar situações confusas ou escolher o aluno certo para responder às questões que vai colocando.

Um bom funcionamento de uma aula não acontece por acaso, está assente num saber gerir e organizar a sala de aula. É este conhecimento que permite ao professor criar um clima adequado à aprendizagem e tomar decisões durante a seu ensino, modificando o plano de aula consoante este ou aquele acontecimento na classe, diminuindo ou acelerando o seu ritmo, ou utilizando processos variados para conseguir ajudar os alunos a construir os conceitos.

Esta vertente do conhecimento do professor inclui também saber onde se deve situar ou deslocar no espaço físico, onde colocar o material, ou ainda quando e como realizar o trabalho em pequeno ou grande grupo. Relaciona-se com saber gerir o discurso na aula, sendo claro nas directrizes que dá, doseando o que diz, apoiando ou salientando alguns aspectos e desbloqueando situações quando detecta dificuldades.

A boa gestão da turma tem inerente igualmente saber orientar a actividade dos alunos, tem a ver com o modo como o professor usa a voz, escolhe

os momentos para intervir e está, também, associada à capacidade do professor gerir do tempo para realização de tarefas, eliminando de tempos mortos, dando dinâmica ao trabalho, fazendo sínteses adequadas ao momento.

Tudo isto não é feito ao acaso e está assente num conhecimento específico dos alunos, vai ter implicações na atenção deles, está também relacionado com o conhecimento didáctico do conteúdo, mas prende-se com o saber organizar e gerir a sala de aula.

O conhecimento do currículo é outra vertente do saber do docente. Logo na formação inicial os professores tomam conhecimento do currículo, das finalidades e as orientações gerais para os anos que leccionam e para os anteriores e posteriores bem como das principais recomendações presentes nos programas. Este conhecimento que o professor tem, vai, no entanto, ganhando corpo e crescendo com a experiência: com a prática o professor vai conhecendo os materiais para o ensino de vários tópicos e as indicações e contra indicações para a utilização de determinados materiais e estratégias. Com a prática o professor desenvolve igualmente a capacidade de percepção do momento oportuno para fazer conexões entre os diversos assuntos dentro e fora da disciplina.

Há outros saberes do professor relacionados com áreas que não tem directamente a ver com a prática lectiva. O conhecimento do contexto é um deles e inclui o conhecimento do meio, dos colegas, dos encarregados de educação, do sistema educativo, do funcionamento da escola e do grupo disciplinar. Prende-se com saber o que lhe é permitido ou interdito na estrutura da escola, a quem se dirigir para resolver esta ou aquela questão, como fazer para pôr de pé um projecto. A pouco e pouco o professor vai-se integrando no grupo social e na cultura da escola. Vai estabelecendo relações mais ou menos próximas e sabendo a quem pode recorrer quando em dificuldades. O professor vai-se consciencializando

das qualidades necessárias a um bom professor, da situação social e institucional que o rodeia, do grau de autonomia profissional que possui e da dimensão política do seu papel como professor. São também estes aspectos que um profissional de ensino precisa de dominar.

O conhecimento de si próprio engloba tudo o que um professor sabe de si próprio, o seu auto-conceito, o que deve fazer e o que deve evitar fazer de acordo com a sua maneira de ser e dos alunos e as suas capacidades como pessoa. Integra pois, o conhecimento do professor como indivíduo: os aspectos da sua personalidade, atitudes e valores que se reflectem, como é óbvio, no seu saber e agir profissional.

Todos estes conhecimentos são "matérias" da educação permanente do educador, de aquisição contínua, que deverá prosseguir durante toda a sua actividade docente. Assim, para professor a necessidade de estar constantemente a actualizar-se é premente, sendo para isso importante que esteja motivado, interessado e empenhado no que faz.

Conclusão

Hoje em dia sabe-se que nada muda sem o professor. Assim, pensar em educação e mudança passa pelo entusiasmo, implicação e envolvimento pessoal dos professores.

Há um paradoxo que António Nóvoa realça que é importante aqui referir: Por um lado todos admitimos que a profissão de professor está em crise e é socialmente desvalorizada, no entanto, o professor mantém-se como a figura central do sistema escolar. Sendo o professor uma figura crucial no sistema, seria de esperar que fosse considerado socialmente e usufruísse de boas condições monetárias, materiais e outras. Tal não se passa assim e, na situação educativa de hoje, as dificuldades no caminho do professor são acrescidas. Desta forma, referi algumas das dificuldades que surgem à prática da profissão de docente relacionadas com as mudanças rápidas sociais, com o espaço

escola e a formação. Salientei a necessidade da criação de condições para que o docente exerça de forma harmoniosa a sua profissão, se realize pessoal e profissionalmente, e embora reconheça a estreita articulação entre o percurso profissional e os múltiplos contextos onde a profissão ganha sentido, considero que os aspectos restritivos — falta de estímulos, más condições de trabalho, rigidez dos currículos e programas, inadequação da formação — não podem funcionar como determinantes absolutos das respostas do professor. Com as condições adversas referidas, e muitas outras que ficaram por dizer, não é fácil manter a vontade de intervir nos processos.

São difíceis os de hoje para ser professor. Porém como diz Fernando Savater, enquanto indivíduos e cidadãos podemos estar convencidos da esterilidade do nosso esforço para melhorar as situações. Mas enquanto educadores temos o dever de ser optimistas.

Porque educar é acreditar na perfectibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que anima, acreditar que existem coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, factos...) que podem ser sabidas e que merecem sê-lo, que nós, homens, podemos melhorar-nos uns aos outros através do conhecimento (Savater, 1997, p. 20).

O constante e extraordinário avanço das ciências e a transformação permanente das exigências sociais, obriga o professor a rever, aumentar e diversificar constantemente os seus conhecimentos, e assim, o processo de aprender a ensinar vai prolongar-se durante toda a vida.

É, portanto, necessário que cada um de nós encontre a forma mais feliz de estar na carreira, procurando um modo próprio de ser professor:

- descobrindo o sentido do que vamos fazendo, clarificando os ideais educativos em que vamos acreditando, aquelas utopias que podem ser pequeninas mas vão dar

sentido ao nosso dia-a-dia;

- assumindo a autonomia que temos e que, ainda, nos permite a adopção de métodos e práticas que "colam" melhor com a nossa maneira de ser;
- analisando a própria experiência, detectando os erros e procurando acertos, reconhecendo e integrando a razão dos outros;
- aceitando os riscos, os desafios, que embora nos criam ansiedade nos fazem sentir vivos;
- integrando continuamente os saberes que vamos adquirindo;
- encontrando um tempo para pensar, para repensar a nossa vida, para impedir que as rotinas se instalem, e procurando em cada dia estar de acordo com o seu estilo pessoal de actuação (Riverin-Simard, D., 1984).

Referências

- Arendt, H. (1972). A crise da educação. In *Entre o passado e o futuro*. S. Paulo: Editora Perspectiva.
- Cavaco, H. (1993). *Ser professor em Portugal*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Hoyles, E. (1987). Teachers' social backgrounds. In *The international encyclopedia of teaching and teacher education*. Oxford: Pergamon Press.
- Nóvoa, A. (1992). A Formação de professores e a profissão docente. In A. Nóvoa (Ed.), *Os Professores e a sua formação* (pp. 15-33). Lisboa: Dom Quixote.
- Savater, F. (1997). *O valor de educar*. Lisboa: Editorial Presença.

Fátima Guimarães
Escola EB 2,3 de Telheiras

Materiais para a aula de Matemática



A tarefa apresentada foi adaptada pelas colegas Teresa Olga Duarte e Joana Porfírio (ESE de Setúbal) a partir de uma proposta apresentada na revista *Mathematics Teaching in the Middle School* (NCTM) de Fevereiro de 1998. Trata-se de uma actividade de investigação matemática que foi proposta a alunos do oitavo ano de escolaridade durante o ano lectivo de 1997/98.